



O EROS E A CONTEMPLAÇÃO COMO RESPOSTA À DITADURA DA POSITIVIDADE EM BYUNG CHUL HAN

Denis Fernandes Lino Junior¹

Alessandro Cavassin Alves²

RESUMO: Na perspectiva do filósofo Byung Chul Han vivemos atualmente uma verdadeira ditadura da positividade, corroborada com o avanço da tecnologia que permeia o nosso cotidiano. Estímulos são lançados de todos os lados, uma quantidade massiva de informações sendo bombardeadas em nosso cérebro através de aplicativos nos celulares, na televisão, no computador, no relógio inteligente (smartwatch)... São tantos estímulos gerados que é impossível não corresponder e não sucumbir. O resultado é um ser humano alienado, incapaz de sair da bolha que os algoritmos nas redes sociais foram capazes de montar para neutralizar e ganhar 100% da nossa atenção. Frente a isso, com Eros e a contemplação teríamos um comportamento totalmente diferente do que o ditame da positividade nos impõe. Esta seria a capacidade da negatividade, do não olhar, do não ceder, do não fazer. Eis o que o presente artigo busca explorar.

PALAVRAS-CHAVE: Eros; Contemplação; Sociedade; Contemporaneidade; Byung Chul Han.

Nascido na Coreia do Sul em 1959, Byung Chul Han é um filósofo contemporâneo que tem dedicado seus estudos à reflexão sobre a sociedade capitalista, apontando problemáticas e possíveis soluções para as demandas atuais. Sua filosofia inicia-se no ambiente acadêmico alemão com tese de doutorado em Martin Heidegger e seu pensamento sofre grande influência da fenomenologia, do existencialismo e do pós modernismo. Em 2000, o filósofo passou a integrar o corpo docente da Universidade da Basileia e, atualmente, é professor de Filosofia e Estudos Culturais da Universidade de Berlim.

¹ Bacharel em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: semdenisjunior@gmail.com

² Doutor em sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), professor na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM), no Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE) e na Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED PR). E-mail: alessandrocavassin@gmail.com

Em 2010 tornou-se docente da HfG Karlsruhe, onde as suas áreas de interesse foram a filosofia dos séculos XVIII, XIX e XX, ética, filosofia social, fenomenologia, teoria cultural, estética, religião, teoria dos *media* e filosofia intercultural. A partir de 2012 passou a lecionar filosofia e estudos culturais na Universität der Künste Berlin (UdK), onde dirige o recentemente criado programa de estudos gerais *Studium Generale*.

Han é autor de diversas obras, sendo que as mais recentes são tratadas sobre aquilo a que ele chama a "sociedade do cansaço" e a "sociedade da transparência". O trabalho mais recente de Byung-Chul Han foca-se na transparência como uma norma cultural criada por forças do mercado neoliberal, que ele compreende como sendo a motivação insaciável em direção à revelação voluntária, que rasa o pornográfico. De acordo com Byung-Chul Han, os ditames da transparência obrigam a um sistema totalitário de abertura sacrificando outros valores sociais como a vergonha, o segredo e a confiança.

Por fim, este artigo tem como objetivo apresentar a temática do Eros e da contemplação no pensamento de Han como forma de enfrentamento da chamada ditadura da positividade.

1. A agonia do Eros

Eros é traduzido como amor, um amor apaixonado, um forte desejo pelo outro, é com este mesmo sentido que o filósofo Han irá apresentar um Eros em agonia/em crise. Vivemos uma profunda crise do Eros em seu sentido mais profundo. O amor exige o “outro”, necessita da alteridade, que me desloca de mim mesmo e permite que eu mergulhe no diferente, até que os dois se tornem algo novo. O caminho verdadeiro do amor não é possível acontecer sem a transformação de ambos, sem a entrega de um para o outro. O amor é portador dessa característica da pessoa ser tomada por um sentimento de se fazer todo fraco, vulnerável, para que seja preenchida pela fortaleza. Fortaleza essa que não é dom de si mesmo, mas dom do outro que a preenche³.

O problema é que o pensamento consumista, a atitude de não ter resistência ao tédio, da necessidade de preencher toda a agenda com compromissos, também se transfere para as relações. Não temos resistência ou até paciência para o outro, qualquer alteridade, opinião diferente, já é suficiente para descartar um relacionamento como se fosse um objeto. As pessoas se tornaram objetos de prazer uma para a outra, que podem ser

³ HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 11.

descartadas, bloqueadas e ignoradas quando a pessoa bem entender. Isso não é amor, é um narcisismo, buscando a si mesmo e seus prazeres nas relações à sua volta. O Eros não pode ser abarcado pelo regime do Eu⁴.

Na sociedade contemporânea percebemos o reflexo dessa erosão do Eros na quantidade absurda da troca de parceiros, nas relações virtuais e no aumento dos divórcios. A intenção não é criticar esse fato, mas apontar como a nossa resistência em relação ao outro tem diminuído drasticamente. Vivemos o inferno do igual, buscando a si mesmo em tudo, mas esse tipo de relação que hoje é exaltada, não é um caminho que oferece benefícios a longo prazo. Precisamos do outro. O outro perfaz nossa identidade. Só sabemos quem somos a partir do outro que se faz parâmetro para o eu se reconhecer. Somente o outro pode me gratificar e me amar de uma forma que eu mesmo não poderia. Quando os outros nos gratificam o prazer é muito maior.

A sociedade moderna era tomada pelo verbo modal do dever, mas hoje o verbo que prevalece é o do poder. A crença de que podemos tudo, o depressivo reclama que não pode nada, não consegue nada, fracassa em tudo, mas essa lamúria só existe porque fomos enganados por um “slogan” de que podemos tudo e somos ilimitados, basta apenas acreditar em nós mesmos e afirmar em voz alta, mas a realidade não é bem assim. A verdade é que somos limitados, mas o que se vende de autoimagem é que podemos ser extraordinários, o que de fato podemos, mas não o tempo todo e nem em todos os aspectos da vida. O que aprendemos na contemporaneidade é que pode haver exploração sem dominação⁵. A liberdade pode ser mais coercitiva que o chicote do outro. Com as atividades on-line percebemos que não existe limite entre o ambiente de trabalho e o de casa, afinal hoje existe o “home office”. O estímulo de produzir, com a falsa crença de que mais trabalho, é mais capital, logo mais felicidade, coloca o homem como algoz e vítima de si mesmo. Transforma a antiga exploração do chefe e empregado em autoexploração. O tu podes gera mais coerções do que o tu deves⁶.

Da mesma forma que a gratificação necessita do outro, as “desculpas” / o perdão, também precisam do outro. Quando seguimos a lógica do dever, se fracassamos em algo devemos desculpas a alguém, que pode ter as mais variadas reações quanto ao meu fracasso. Pode ser rígido, rude, misericordioso, compreensivo, dar uma lição. De qualquer forma eu tenho a atenção do outro. Mas na contemporaneidade, em que você mesmo é o

⁴ HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 8.

⁵ HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 22.

⁶ HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 24.

seu chefe, não há ninguém para se desculpar ou culpar seus fracassos a não ser a si mesmo, todo o peso recai sobre você mesmo. O autoperdão e autoexpição é mais difícil de dar a si mesmo do que receber o perdão do outro⁷.

Poder e Eros não se assemelham, mas se distanciam. No Eros não existe a possibilidade de apreender, possuir e dominar o outro, porque se assim o fizesse o outro já seria “outro”. A lógica consumista deseja dominar, possuir o objeto, assim se transfere as relações, que tratam o outro como um catálogo de relacionamento pelo qual escolhemos o que mais nos agrada e descartamos o que não gostamos. Mas as pessoas, os seres humanos, possuem mais dignidade. Os meios digitais e sites de relacionamento colaboram com essa erosão do Eros. No verdadeiro Eros, o eu se sucumbe ao outro, há um esquecimento de si.

O Eros tem sido positivado, buscando sempre estar livre de sofrimento ou qualquer consequência negativa. Calculando o máximo de prazer e o mínimo de perda. Mas isso não é o verdadeiro Eros. Isso é apenas uma forma de buscar e confirmar a si mesmo no outro. É cair novamente no inferno do igual. O amor é uma transformação, não mera confirmação de si. O medo que as pessoas possuem de sofrer as quedas do amor é o que as afastam de vivê-lo verdadeiramente. É semelhante ao medo da morte, que leva as pessoas a aceitarem a escravidão se for preciso para não morrerem. Mas o que é a escravidão se não um mero viver? A morte não seria uma liberdade autêntica perto de uma escravidão para a vida toda? Essa analogia de escravidão que apresentamos é para ilustrar que atualmente buscamos um “mero viver”, “um mero amor” ao invés de vivenciá-lo em sua plenitude⁸.

Esse mero amor é o que deixa evidente o sucesso dos sites pornográficos, indivíduos buscando sozinhos o seu próprio prazer, sem riscos, sem rejeições, sem medo de serem julgados por seus desejos mais diferenciados. A imagem obscena se mostra instrumento de prazer momentâneo. Agirá semelhante a um animal que a partir de um estímulo gerado corre em satisfazê-lo. O que torna o homem grandioso e diferenciado é justamente a capacidade de resistir a qualquer estímulo e não em ceder a eles. Quando o indivíduo assume os riscos da rejeição de outra pessoa, se permite ser amado por outro, sofrerá as negatividades, as dores, mas também saberá o que é ser interpelado pelo outro, tomado pelo outro. Essa experiência será gratificante e transformadora porque o Eros autêntico é um morrer no outro, e ser reconquistado pelo outro, em algo que é dom do outro.

⁷ HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 25.

⁸ HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 40.

A sociedade capitalista preza pelo sobreviver e não pelo morrer como mencionamos no parágrafo anterior se referindo ao amor. Morrer e ressurgir no outro é uma relação muito demorada, é necessário que as relações sejam mais flexíveis para que a economia seja mais acelerada. Mais relações, mais saídas noturnas, mais presentes, mais compras para manter o bom visual, mais bebidas, mais alimentação. É claro que não é um plano capitalista de conspiração para acabar com o Eros. Mas é uma consequência da nova ordem mundial, tudo influencia a economia, a mentalidade da maioria das pessoas é um fator crucial para o comércio, porque se vende uma determinada mercadoria para um público, que por sua vez possui suas demandas. E suas demandas são definidas por sua mentalidade. Então se desejo vender e lucrar, um jeito certo de fazer isso é criar uma mentalidade certa, para que as demandas que a população tenha sejam bem próximas do produto que quero oferecer. A verdade é que a propaganda não é enganosa, mas que eu gosto desse engano.

Diante da exigência do sucesso, de um excelente desempenho, de aproveitar cada momento de nossa vida, somos lançados em projetos de um “eu-ideal” que se mostra muito distante do “eu-real”, à medida que vamos buscando este ideal ele se torna menos palpável, não porque não conseguimos concluir nossos objetivos, mas porque não se deixam terminar e ter descanso, logo surge novos projetos e o ideal se torna inalcançável. Quando o “eu-real” percebe que está muito distante do eu-ideal sente-se frustrado, saturado e depressivo, porque entra numa eterna concorrência contra si mesmo, não é um patrão que me está mandando trabalhar até o esgotamento, mas o meu “eu-ideal” que deseja ser o melhor funcionário, mais inteligente, capaz, excelente pai de família, “fitness”, sarado, com alimentação saudável, que tem uma vida social, etc. Todas essas autocobranças não permitem falhas, perda de tempo ou erro, e eu mesmo torno-me o mais cruento e algoz vilão de mim mesmo nessa sociedade pós-moderna.

Algo que espanta é que a verdade não é transparente, mas possui uma negatividade fundamental, pois quando se declara algo verdadeiro, automaticamente o resto é falso. Isso paralisa a comunicação e por isso é evitado na atualidade. A informação não produz verdade, nem o acúmulo de informação pode direcionar os seus rumos, apenas o confunde mais, pois carece de sentido. A massificação da informação não é sinônimo das pessoas conhecerem mais verdades, mas apenas terem acessos a mais conteúdo sem nenhum direcionamento.⁹

⁹ Cf. HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 10.

O Eros possui também essa dinâmica do mistério, o que realmente chama atenção é aquilo que é velado, coberto. Aquilo que é exposto com uma certa nudez agride os olhos e não permite o demorar-se do olhar, não há como contemplar. A cupidez do Eros acontece justamente no famoso “entre a luva e a manga”, é o “já, mas não agora”. Aquilo que oferece um certo desafio, uma resistência, chama muito mais a atenção, porque mexe no desejo do ser humano de querer possuir, porém ao se sentir incapaz de alcançar, tal sentimento move-o a continuar tentando até conquistar o objeto de desejo.

Todo esse processo de demora, de espera e do respeito as fases de cada tempo, tem sido perdido e visto pela sociedade como fracasso. O imediatismo tem tomado frente e gerado uma ansiedade muito forte em toda a população. É como se você tivesse que ter todas as respostas na hora, a maturidade agora, o curso de graduação superior, o inglês avançado, o corpo perfeito, a família feliz e o relacionamento perfeito, tudo isso como se fosse como uma corrida da vida. Onde os melhores conseguem, porque se dedicaram para isso e se você não conseguiu é porque não se esforçou o bastante ou não fez o curso certo, não viu aquele *post* no Instagram ou quem sabe não acreditou verdadeiramente. Mas a resposta é mais simples, somos seres humanos e não máquinas, temos processos singulares e fases precisam ser respeitadas e vivenciadas.

A maioria das pessoas é bastante medíocre em quase tudo que faz. Todos somos, basicamente, bem comuns. Só que temos acesso ao Facebook, Instagram, e outros meios de comunicação que bombardeiam notícias de pessoas excepcionais no que fazem. É preciso ser as melhores para chamarem a atenção do público, não vão chamar alguém medíocre, gente como a gente para se apresentar nas redes, querem a excepcionalidade. O melhor do melhor. Ou o pior do pior. A mídia se esquia do comum que nós somos no dia a dia. Vendo esses exemplos é claro que vamos nos sentir inseguros e desesperados ao iniciar qualquer coisa, porque o dilúvio de informações sempre nos dirá que não somos bons o bastante.

Criamos uma enxurrada de expectativas muito altas e nos frustramos porque não somos excepcionais, somos medianos em muitas coisas, e está tudo bem, a vida é assim. Errado hoje acharmos que o excepcional é norma. A internet não disponibilizou apenas informação para todos, ela disponibilizou insegurança, incerteza e vergonha também.

Pela capacidade que temos de pensar nossos pensamentos e emitir juízos sobre nós mesmos, podemos cair em esquema interno de culpabilização. Ficamos ansiosos por um evento, nos perguntamos os motivos de estarmos ansiosos e ficamos ansiosos por

estarmos ansiosos. Ou sentimos raiva de uma criança, e ficamos com raiva por sentir raiva de uma criança. Esse círculo vicioso nos machuca.

Outro fato importante está nas redes sociais, constantemente somos bombardeados com diversas famílias felizes, bem sucedidas, grandes realizações e automaticamente nosso cérebro faz comparações, diante das nossas limitações nos afundamos em mais tristeza, culpa e sentimentos de incapacidade. A contemporaneidade apresenta um discurso enganador de felicidade constante, vida perfeita, que não permite perdas e isso flagela nossa vida que não é de um deus, mas de um ser humano repleto de limitações, carências. O desejo de ter mais experiências positivas é, em si, uma experiência negativa. E, paradoxalmente, a aceitação da experiência negativa é, em si, uma experiência positiva.

Quanto mais nos esforçarmos para sermos felizes, mais infelizes nós vamos nos tornando. Não significa cruzar os braços, mas aceitar que não vamos estar felizes e satisfeito o tempo todo, aceitar o sofrimento, aceitar o negativo que tal atitude em si, é positivo. Tentar evitar o sofrimento já é uma forma de sofrimento. Não tem como se livrar, mas podemos dar menos atenção a ele. As pessoas vivem como se tivessem o direito inalienável de serem felizes o tempo todo, como se tudo tivesse a obrigação, de ser do jeito que você quer. Isso vai te comer vivo. Porque toda adversidade será vista como injustiça; todo desafio como fracasso; todo inconveniente como ofensa pessoal; toda divergência como traição. Tudo dentro da nossa cabeça, preso no nosso egoísmo, em um círculo vicioso infernal.

Esse ciclo vicioso e ditadura da excepcionalidade se transfere para as relações amorosas, estamos diante de uma exigência de perfeição de relacionamentos. O Eros hoje é vivido de momentos de curtição e de descarte de pessoas que nunca são boas o bastante. Os relacionamentos se tornaram mercadorias para serem expostas nas redes, o objetivo é transparecer felicidade ao lado de alguém, mas ao mesmo tempo se mostrar livre e independente. Uma imagem montada, editada e recortada que não condiz com a realidade.

As mensagens, status, rompem com a distância fundamental para uma relação sadia. A transparência de informações que se tornaram invasivas, deixam o indivíduo exposto demais. Pessoas alheias dão opiniões demasiadas sobre assuntos que são de cunho íntimo de cada um. Quando publicamos informações íntimas nas redes sociais nós achamos que ganhamos destaque, holofotes, atenção e isso encanta muitas pessoas, mas não percebem que a informação que cedem, também disponibiliza poder para pessoas alheias sobre a sua vida. Podem usar informações suas contra você, podem distorcer sua mensagem e imagem. Nem sempre o que você quis passar na publicação é o que os outros entendem.

Não faz sentido cobrar uma transparência do ser humano, quando ele não consegue nem ser totalmente transparente consigo mesmo. A linguagem do ser humano, por exemplo, é recheada de ambivalências, de incompreensões e mistérios e é isso que faz a linguagem ser cheia de sentido, uma uniformização aproxima o inferno do igual, o ser humano é envolto em mistério e ocultamento, enquanto seu “Id” diz que sim, o ego fica fortemente negando aquilo que se deseja. A transparência é algo positivo, mas a total transparência é um excesso de positivo que nos faz mal, a negatividade do oculto mantém viva a chama da vida. A palavra “felicidade” do médio-alto alemão, contém em seu radical a palavra “oco”, ou seja, a felicidade se dá a partir desse vazio, em que não é necessário o excesso de informações para tentar explicar aquilo que por si só é um mistério. A total transparência é o vazio e para preencher esse vazio foi colocada uma massa de informações que não torna a vida melhor como sempre é prometido, não gera verdade, não traz luz à escuridão, porque há como ponderar a verdade em meio a tantas opções.

Até mesmo o cansaço está em falta e esse cansaço coletivo é importante para as relações. O cansaço não é um esgotamento e uma impossibilidade de fazer algo, mas algo semelhante a potência negativa, um não-para. Deus criou o mundo em seis dias e o último considerou Sagrado, “Sabah” significa “parar”, ou seja, o dia do Senhor é um dia do “não-para” que não faz as coisas com o objetivo de possuir utilidade ou desempenho, apenas é demorar-se diante de algo ou alguém, que permite a contemplação e um olhar longo, demorado. O verdadeiro cansaço afrouxa as presilhas do “eu”,¹⁰ uma espécie de margem, uma tensão que se permite sucumbir no outro e deixar-se ser no outro e outro ser em você. Neste momento começa a surgir uma áurea de amizade, quando o cansaço não é para mim, no meu eu, mas para o outro, para nós, em que desprendo-me da minha identidade e fico à margem, exposto para o encontro.

O cansaço mencionado acima é o verdadeiro cansaço, o que permite a partir da negatividade, a vida e a existência das coisas, também o convívio de comunidades e uma familiaridade mesmo sem existir parentesco, o cansaço como pré-requisito para o início da religião e formação de comunidades. Sendo oposto a um cansaço que esgota, egoísta, que satura e não permite espaço para a falta de produzir, marcado por irritação, nervosismo, insatisfação consigo mesmo por não alcançar metas que são impossíveis.

¹⁰ Cf. HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 75.

O capitalismo destruiu o cansaço coletivo, a individualização é fruto de toda uma raiz capitalista que hoje já é muito difícil de se arrancar, estamos imersos na individualização, radicalizada pelas redes sociais e pela tecnologia. E, a questão fundamental seria como resgatar a dinâmica fundamental do encontro com o outro e toda a negatividade da rejeição, do diálogo, do conflito, da verdadeira política que visa o bem comum, com situações que são trazidas a todos, com o resgate do charme, do velado, do mistério, do demorar-se junto a, dos processos e da espera por aquilo que se deseja sem acelerar ou diminuir a velocidade dos acontecimentos, mas tão simples como o esperar da flor desabrochar na dinâmica natural da vida.

Para concluir, o Eros se encontra em uma grande crise. A mídia acredita que está para construir uma sociedade mais acolhedora em relação ao diferente, porém, ao mesmo tempo parece dar “tiros nos pés”. Queremos que os seres humanos sejam mais tolerantes em relação ao outro, porém na internet os algoritmos contribuem para que eu seja mais afastado daquilo que é contrário ao meu pensamento. Como querer tolerância sendo que todo momento o parâmetro para julgamento para qualquer ato da vida é apenas o indivíduo e seus próprios valores, aquilo que lhe agrada, aquilo que lhe faz bem. O eu é a referência e a medida para tudo que o ser humano deseja realizar hoje.

2. A pedagogia do ver

Estamos imersos em uma torrente de informações, sobre alimentação saudável, vida *fitness*, desempenho acadêmico, dicas de saúde, de beleza, onde comprar comida facilmente, como fugir do tédio, a série mais assistida, o filme mais cotado. Qualquer coisa menos ficar parado com seus próprios pensamentos, sentimentos com uma atitude introspectiva. Talvez uma atitude de improdutividade, atualmente seja rotulada facilmente como depressão. Chegamos a um nível tão alto de resposta ao menor estímulo, que resistir a qualquer tendência, mesmo que seja nociva, parece loucura perante a sociedade.

Byung-Chul Han cita uma frase de Nietzsche em seu livro *Sociedade do cansaço*, no final do terceiro capítulo, mencionando que a sociedade caminha para uma nova barbárie, em que os ativos e inquietos são exaltados e, assim pertence às correções necessárias, recomendarem em grande medida a atitude contemplativa. De fato, Han argumenta sobre a importância da contemplação sendo esse um ponto alto que nos caracteriza propriamente como humanos. O animal precisa fragmentar a sua atenção para não se

Helleniká – Revista Cultural, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 97-109, jan./dez. 2022

tornar uma presa fácil e, ao mesmo tempo, cuidar de si mesmo, da sua prole e do seu parceiro. Mas o ser humano pode mastigar um alimento e saborear pausadamente cada sabor em sua boca, pode pensar em cada sensação que teve e ainda posteriormente pode trazer em sua memória a sensação que lembra ter tido quando comeu aquele alimento. O animal age por instinto e saciedade¹¹.

O que percebemos na contemporaneidade é que não temos tempo para assumir essa atitude contemplativa, esse demorar-se em algo, não podemos fechar os olhos por um segundo em um vídeo do YouTube, sem perder uma informação talvez até crucial para a sua produção. Contemplar exige tempo, uma aparente improdutividade, uma negatividade de pausar tudo, de focar somente em uma única coisa. As maiores invenções surgem em momentos de relaxamento ou de ócio criativo (usando um termo técnico). É quando percebemos que estamos andando e o ato de andar já está te entediando, mas ao invés de ceder a um estímulo externo e se entreter com outra atividade, você permanece andando, mas não corre e nem anda a cavalo, porque isso é apenas acelerar as coisas. As pessoas acham que mudam as coisas que estão fazendo quando na verdade apenas aceleram as mesmas coisas que já fazem. Um movimento totalmente novo seria dançar. Os movimentos de dança não envolvem a produtividade de seguir em frente, eles são soltos, despreocupados e até negativos, pois existe passos de regressos, para o lado, caídas e saltos. Na atualidade as pessoas querem seguir em frente a todo custo, até a saturação e não percebem que na negatividade do parar ou do regresso existe mais produtividade do que se pensa ou imagina¹².

Precisamos da pedagogia do ver que consiste basicamente em aprender a não ceder para todo e qualquer estímulo. Estamos escrevendo um texto importante, mas ao lado se encontra o seu celular que emite um barulho de notificação. Um estímulo é gerado, a soberania de si seria julgar que sua atividade do texto é mais importante que a notificação que se espera, mas de costume percebemos que cedemos a esses estímulos. Este exemplo só mostra como nos tornamos extremamente submetidos aos estímulos, essa aparência de liberdade de fazermos tudo que sentimos vontade gera novas coerções, o peso do nosso fracasso recai apenas sobre nós mesmos, pois hoje não percebemos as pessoas exigindo que façamos o que deve ser feito, esperam que essa cobrança seja interna, uma autodisciplina. A auto coerção é pior que a externa, pois quando é de outra pessoa

¹¹ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 32.

¹² HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 35.

sentimos que podemos fugir dessa pessoa e se libertar, mas a auto coerção não permite você fugir de si mesmo¹³.

A pedagogia do ver, do pensar e parar envolve até aquilo que Hegel descreve no ato de pensar. Segundo o autor, no pensar habita uma negatividade que lhe permite fazer experiências transformadoras. Não é um algoritmo com resultado definido, exige um olhar mais profundo do que uma tela, isto é, ser capaz de olhar para si mesmo. Umbral e passagens são zonas de mistério, de transformação, de morte, de medo, mas também de desejo, de esperança e de expectativa. É sua negatividade que perfaz a topologia da paixão.

A máquina é transparente, positiva em todas as suas funções, ela não hesita e realiza tudo que deve ser feito. O homem cobra de si a mesma operacionalidade. A potência negativa de não fazer é superior à da potência positiva. Porque a potência positiva sempre está presa a alguma coisa, produzir algo, fazer algo, fazer para. A potência negativa não precisa de finalidade, simplesmente é não fazer. A máquina não se permite fazer pausas, o homem pode hesitar, pode parar o que está fazendo e pode não fazer. Essa atitude que se aproxima da meditação, é uma tentativa de cessar os pensamentos, de focar em um único ponto, é um não para. A realidade é que o não-fazer-para pode ser mais produtivo que a saturação do produzir sempre.

Uma atitude de interrupção nos estados sentimentais é a ira. A ira difere da mera irritação ou nervosismo. A ira permite a negatividade de não aceitar as coisas como estão e força a mudança, mas a irritação apenas continua o já existente. A ira é a capacidade de interromper um estado para criar um novo estado, mas não permitimos a interrupção da ira, deixando espaço apenas para a irritação e nervosismos. A ira é uma negatividade e possui essa aparência, mas ela é essencial para gerar mudanças. Na contemporaneidade é evitada a todo custo pela positivação da aceitação e tolerância que se transborda de falsidades e preconceitos velados. A verdade é que só o conflito pode gerar a purificação de nossos conceitos, que só a ira depois de expressa na sua verdade pode afrouxar as presilhas do eu para uma novidade conceitual.

Até mesmo o conceito de ação se reduz hoje a um mero trabalho, ou um mero agir. Ao contrário, um agir conceituado na vida activa apresentado por Hannah Arendt consiste, se inserirmos as ideias de Han, no conceito da potência negativa em direção ao não-para. O parar para pensar e refletir sobre uma ação faz com que a ação seja mais efetiva e

¹³ *Ibidem*, p. 52.

assertiva. O problema que este tempo de reação é cortado de nós. As propagandas já são feitas da forma mais simples, transparente e persuasiva possíveis, em que se nos reduz a um mero animal carente por satisfazer estímulos. Se as propagandas não tivessem essas características e fossem abstratas as pessoas não entenderiam à primeira vista, precisariam ver e rever, ler e reler, demorar-se junto àquela propaganda para extrair a informação. Mas, isso é demorado, não promove o mercado e nem o capital.

Os olhos, a contemplação nos lembra o desígnio mais elevado do homem, como diz Feuerbach em seus escritos:

Por isso eleva-se o homem acima da terra somente através do olho; por isso inicia-se a teoria com a contemplação do céu. Os primeiros filósofos foram astrônomos. O céu lembra ao homem o seu desígnio, lembra-o de que não nasceu somente para agir, mas também para contemplar¹⁴.

Como sabemos, na filosofia não existe nada de novo, o original é apenas uma verdade dita em outras palavras, palavras que hoje talvez façam mais sentido para nós. Evoluímos como espiral ascendente, sempre retornando aos mesmos problemas, mas com roupagens diferentes. O que Han mostra em seus textos já foi intuído por outros filósofos, mas sua linguagem interpela os leitores contemporâneos que se percebem envoltos em uma crise da positividade e da informação.

Conclusão

A compreensão da importância do Eros e da contemplação foi a finalidade desse artigo. Perceber a importância da negatividade, da potência negativa e de como o excesso de positividade pode ser prejudicial. Han também se utiliza, muitas vezes, do pensamento de Jean-Paul Sartre, afinal, ele percebe que o ser humano se constrói, que ele é aquilo que quer ser. Justamente nesta perspectiva é possível escolher não ceder a esta corrente massiva de estímulos alienantes, e para assumir a responsabilidade de nossos atos e de nós mesmos se torna necessário adotar uma nova postura de vida para não sucumbir com os avanços tecnológicos.

É importante ter em mente que evolução não é sinônimo, necessariamente, de coisa positiva, nem toda evolução é positiva para a sociedade. Recuperar a capacidade de parar e, refletir antes de tomar atitudes é a proposta da pedagogia do ver. Reconsiderar a forma que temos tratado os relacionamentos, também pode ser impulso para um novo olhar em

¹⁴ Cf. FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da filosofia do futuro*. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 36.

relação à vida. Conseguir ter um direcionamento correto é o que distingue conhecimento de mera informação. Hoje todos possuem informação, mas muitos não sabem como utilizá-la. Não adianta ter todo manual de instrução de um produto, mas ser incapaz de ler.

Vivemos em uma sociedade que sofre uma grande inquietação. Tal inquietação não gera nada de novo, apenas reproduz e acelera o já existente. Ficarmos verdadeiramente entediados serve como um empurrão em nossa criatividade, para sairmos dessa situação e assim criarmos algo inovador. A sociedade do desempenho não permite o ócio criativo, assim nem tudo o que fazemos precisa ser necessariamente o melhor, viver bem o momento pode já ser o bastante.

De maneira geral, Han apresenta o tédio, a contemplação, o demorar-se, o Eros, o erótico, o mistério, o não-para, a potência negativa como caminhos para uma mudança verdadeira no seio da sociedade contemporânea. Em destaque o Eros, sendo o amor o verdadeiro caminho de transformação. Somente o Eros vence a depressão¹⁵.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da filosofia do futuro*. Lisboa: Edições 70, 1988.

HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

¹⁵ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 12.